

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

---

**SAES, Alexandre Macchione.** Conflitos do Capital: Light versus CBEE na Formação do Capitalismo Brasileiro (1898-1927). São Paulo: EDUSC, 2010. 478p.

**Orange Matos Feitosa**♦

O livro de Alexandre Macchione Saes traz importantes contribuições tanto do ponto de vista teórico quanto para a compreensão da introdução do capitalismo no Brasil, desvelando com acuidade de ideias os conflitos ocorridos entre duas empresas, a canadense *Light* e a brasileira *Companhia Brasileira de Energia Elétrica*, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. O texto é vigoroso e estimula o leitor a refletir criticamente sobre o modelo de capitalismo que no Brasil se formou a partir da *problemática da industrialização*, defendendo que as *elites dominantes* brasileiras e seus *projetos políticos* foram responsáveis pela não *ruptura com a lógica perversa da modernização dos padrões de consumo*. Essa abordagem apresenta discussão inovadora acerca do modelo econômico que gerou desigualdades regionais e sociais, visto que publicações anteriores escamotearam contexto histórico e o conteúdo social gerado pela atuação política das elites nacionais.

Partindo do pressuposto que os embates e convergências entre as elites políticas locais, bem como o capital estrangeiro, abriram um hiato entre as dinâmicas econômicas regionais, ressalta que este capitalismo que articulou os interesses do capital estrangeiro com os *grupos nacionais* modernizou e estimulou o crescimento econômico vertiginosamente, alterou os *padrões de consumo* das classes abastadas, mas sequer executou *um projeto político de construção de uma nação*.

---

♦ Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) Av. Prof. Luciano Gualberto, 315 - Cid. Universitária - CEP 05589-000 - E-mail: omfeitosa@bol.com.br

Podemos acrescentar sem receio de errar que Saes, ao reconstituir o desenvolvimento do capitalismo por meio da formação do setor elétrico no Brasil da Velha República, problematiza, revisita a literatura e discute dialeticamente com vasta documentação em um trabalho minucioso de pesquisa, além de dialogar com Celso Furtado, explorando com maturidade os conceitos de *modernização* e *desenvolvimento* em sua dimensão social e política rejeitados pela visão convencional, que esquematicamente não associou as decisões das elites dominantes ao desinteresse das experiências que conduzissem ao efetivo desenvolvimento nacional.

Assinala que a classe nacional oriunda do *grande capital agrário-mercantil*, [...] *responsável pela implantação dos serviços de infraestrutura no Brasil*, apresentou uma nova face da sujeição ao capital internacional, que propiciou uma modernização que quase alcançou a sociedade por inteiro, mas exacerbou a concentração de renda nas mãos de poucos.

O texto, fruto de sua tese de doutorado, surpreende-nos também pelas leituras singulares que realiza dos autores analisados, apresentando outras dimensões e possibilidades de textos aparentemente há muito interpretados e/ou saturados pela produção acadêmica brasileira, como os de Furtado, em que o campo social e político são absorvidos na análise do desenvolvimento do capitalismo, diversamente dos percursos de Fernando H. Cardoso, Falleto e J. Mello que, os excluem.

O livro está dividido em três partes: parte I - Investimentos estrangeiros na América Latina: a Light entre as grandes empresas de serviços públicos na transição do século 19 para o 20; parte II - Industrialização e dependência na constituição do capitalismo brasileiro: o cenário de formação da Companhia Brasileira de Energia Elétrica; parte III - Light versus CBEE: conflitos na expansão do capitalismo na economia brasileira de início do século 20 e nove capítulos.

Na primeira parte o autor analisa a situação da América Latina pós-independência, que passou das mãos portuguesas para as inglesas, com a diferença que os ingleses recorreram a outras formas de persuasão nos distintos países. No entanto, antecipa que a crescente importação dos produtos ingleses pelo Brasil redundará em uma das

fissuras para o não desenvolvimento do país. A Inglaterra fez uso dos tratados comerciais e dos empréstimos para controlar os mercados latino-americanos. Os investimentos externos se deram no setor de transportes, serviços públicos, extração de matéria-prima, bancos e indústrias em todos os países latinos exportadores, impedidos em diversificação econômica e a geração do mercado interno. Em poucas palavras, o capitalismo 'tardio' alcançou a periferia, impondo seus obstáculos ao desenvolvimento, enfraquecendo esses países pela subordinação financeira e compelindo-os ao 'pecado original'.

Entretanto, este processo de dependência impulsionou o crescimento de países como Argentina, Chile, México, Brasil e Uruguai, conduzidos pela evolução tecnológica oriunda da Segunda Revolução Industrial, particularmente, as modificações atreladas ao desenvolvimento da eletricidade que saiu dos países centrais em busca de mercados na América do Sul. Enquanto os ingleses tomaram quase todo o mercado ferroviário, os Alemães, os serviços públicos em países como Argentina, Uruguai e Chile, e o Canadá, através da Light, investiu quase 90% em energia elétrica e transportes urbanos em países como Brasil e México.

A formação da canadense Light e o sucesso da sua expansão imperialista nas economias periféricas foi possível devido à receptividade das elites nacionais, como no Brasil, aos grupos investidores estrangeiros. Em economias desenvolvidas no caso a Inglaterra não havia interesse por investimentos externos. Os canadenses, em face desse mercado fechado, voltaram-se para as economias menos desenvolvidas e elites menos endurecidas ou amadurecidas como as da América Latina. No entanto, a introdução da Light no Brasil, especificamente em São Paulo, deu início aos conflitos entre capital estrangeiro e empresário nacional.

O autor inicia a segunda parte do livro com interessante percurso pelo processo de inserção do capitalismo na economia brasileira e o contexto que propiciou o surgimento da Companhia Brasileira de Energia Elétrica (CBEE), um exemplo da formação do capital nacional. E com uma simplicidade formidável, abre as portas do Brasil para explicar as razões que entravaram o país de se desenvolver: os grupos dominantes que tomaram para si as decisões sociais, políticas e econômicas com base em interesses particulares, mergulharam o Brasil em um *círculo vicioso e virtuoso*. Dizendo de outro modo,

o Estado em consonância com as elites locais se curvaram ao peso do capital internacional, interditando o desenvolvimento do capital nacional.

As reformas econômicas e sociais ocorridas na transição do Império para República como fim oficial da escravidão, o trabalho assalariado e consequente expansão do mercado consumidor nas zonas urbanas, além da edificação do *estado burguês* com a instalação do regime republicano e a Constituição outorgada de 1891, afrouxaram os laços estruturais que fechavam os caminhos para inserção do capitalismo que avançava com a Primeira República.

A pesquisa de Alexandre Saes revela que a formação do capitalismo, bem como a expansão industrial e urbana, foram insuficientes para possibilitar ao Brasil um avanço a ponto de torná-lo independente política e economicamente, porém não impediu a constituição dos *grupos econômicos* nacionais, oriundos do *grande capital agrário mercantil*, assim como a composição do *grande capital urbano*, capazes de gerar modificações na sociedade. Revisitando as cidades de Salvador que abrigou um dos primeiros centros industriais, mas sem conseguir romper com a estrutura mercantil, Rio de Janeiro, que foi inicialmente o polo industrial, mas cedeu o lugar para São Paulo, esclareceu que nenhuma das capitais rompeu com o *capital comercial* durante a Primeira República. A modernização atingiu os grandes centros, alterando o modo de viver dessas capitais, introduzindo serviços elétricos, enquanto novos *padrões de consumo* desequilibraram o crescimento econômico e mascararam problemáticas que conduziram a desigualdades econômicas e sociais regionais.

O *expansionismo econômico* incentivou o surgimento das empresas nacionais, como a Companhia Brasileira de Energia Elétrica (CBEE); ilustrou a trajetória do capitalismo instaurado no Brasil, uma nação incipiente e um país que se modernizava, apesar de manter certos elos com o modo Colonial de ser: a necessidade de importações.

Na terceira e última parte do livro, Saes analisa a oposição recalcitrante entre a Companhia Brasileira de Energia Elétrica e a canadense Light pela conquista e controle dos mercados do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, e seus resultados interpretados à luz dos conchavos e divergências entre as elites locais e nacionais, e o posicionamento das empresas nos jornais e as manifestações populares

em relação aos serviços oferecidos. Se, por um lado, parte das elites políticas apoiava o capital estrangeiro como fundador da modernização, outra parte o execrava, enquanto a população mais pobre reclamava da má qualidade dos serviços oferecidos e os empresários das companhias se digladiavam em torno das concessões. Vale ressaltar que os “conflitos do capital” não se deram nos campo das abstrações, mas no interior das práticas conservadoras das classes dominantes brasileiras, que aneladas aos padrões de consumo internacionais, reafirmaram o abismo social entre campo e cidade, classes e regiões, iniciados com a colonização.

Por fim, esse livro, além de suas valorosas análises para compreensão da entrada do capital estrangeiro no Distrito Federal, Salvador e São Paulo, certamente se insere na história empresarial e nas interpretações para os estudos sobre o capitalismo no Brasil. Alexandre Saes com requintado arcabouço teórico e escrita arguta conduziu o leitor à raiz de certos problemas da atualidade e sem desperdício de palavras usuais em manuais existentes, e revelou, assim, não somente a constituição econômica do capitalismo no Brasil, mas a lógica perversa do capital internacional não apenas como modernizador dos países periféricos, manipulador do subdesenvolvimento nacional como também um impulsor da acentuada desigualdade social: motor da queda, no processo de modernização do país.